



## Minas de Luta na mídia: enquadramentos e percepções das ocupações escolares

Fernanda Castilho  
Richard Romancini

**Resumo:** Este trabalho realiza um estudo comparado sobre as imagens e percepções a respeito da cobertura noticiosa das ocupações de escolas públicas do estado de São Paulo, em 2015. O conceito de “framing” é operacionalizado na análise de um veículo da grande imprensa (o jornal **Folha de S.Paulo**) e de outro da chamada imprensa independente (o site **Jornalistas Livres**). Depois, a partir de dados de um grupo de foco, a percepção de algumas estudantes que participaram do movimento, em relação à cobertura, é discutida. As principais conclusões do trabalho são: as jovens aparecem pouco como fontes de informação, no entanto, as imagens em que eles se manifestam tiveram relevância, em termos de expressividade e força, principalmente no veículo independente, o mesmo ocorre quando as jovens são reprimidas, sendo que nesse caso a imagem da estudante negra comparece de maneira significativa.

**Palavras-chave:** Ocupações escolares; Feminismo; Enquadramento; Grande Imprensa, Mídia alternativa

### 1. Introdução

O movimento das ocupações escolares em São Paulo teve importante repercussão na imprensa em 2015, sobretudo por se tratar de eventos com evidentes implicações sociais e políticas. Desde o início, a cobertura noticiosa a respeito das reações dos estudantes secundaristas ao anúncio plano de “reorganização” das escolas, proposto pelo Governo do Estado de São Paulo, em outubro de 2015, teve como características o uso frequente de imagens das escolas ocupadas e dos protestos realizados, bem como a consulta a fontes não oficiais como familiares e os próprios estudantes, com destaque para as meninas do movimento.

Dando continuidade a uma série de manifestações organizadas pela juventude brasileira, formadas com objetivo de expressar descontentamentos e reivindicar melhorias nas condições sociais, cujo exemplo mais conhecido foram as **Jornadas de junho** ou **Primavera brasileira**, de 2013, o movimento das ocupações escolares teve início em novembro de 2015, após o anúncio da proposta de separação das unidades por ciclos (fundamental 1, para crianças do 1º ao 5º anos, fundamental 2, do 6º ao 9º anos, e ensino médio, de três anos), o que causaria o fechamento de 93 escolas. Dessa vez, os estudantes entenderam que a proposta do Governador tinha um caráter autoritário e acabaria por resultar em classes superlotadas – situação já vivenciada por muitos deles. A ausência de diálogo com o governo levou os estudantes a fechar e “ocupar” as escolas até o momento que suas reivindicações fossem atendidas, estratégia inspirada em movimentos anteriores de estudantes chilenos e argentinos (ROMANCINI; CASTILHO, 2017). É interessante perceber que inicialmente o governo cogitou desmoralizar o movimento reprimindo tanto as ocupações nas escolas como as manifestações nas ruas da capital, porém os estudantes conquistaram a simpatia de parte da população, provocando queda na popularidade do governador (MENDONÇA, 2015). Após sucessivos recuos, a resistência dos estudantes e o descontentamento popular resultaram no anúncio da revogação do plano do governo em 4 de dezembro de 2015 e o processo de desocupação das escolas teve início, durando até meados de janeiro de 2016.

Em relação ao protagonismo feminino no movimento, notamos que foi percebido em diversos âmbitos: pela imprensa ao cobrir o movimento<sup>1</sup>; em análises sobre o caso (CAMPOS et al., 2016); em documentário realizado sobre o assunto<sup>2</sup>; nos depoimentos das próprias participantes consultadas no âmbito dessa pesquisa.

Nesse sentido, esse trabalho se estrutura da seguinte forma: (1) desenho de pesquisa; (2) análise das notícias à luz do conceito de enquadramento (“frame”); (3)

---

<sup>1</sup> COLLUCCI C. e GRAGNANI J. Meninas formam coletivos feministas em escolas de SP. Folha de S. Paulo, 1 de novembro de 2015. AMENDOLA, G. Com o coração nas mãos. **O Estado de S. Paulo**, 13 dez. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/E0fUJ8>. Acesso em 07 de janeiro de 2017; SILVA, R. Lute como uma menina. Ameaças de retrocessos dão gás ao feminismo, **Revista do Brasil**, n. 119, 13 jul. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/4NxAZm>. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

<sup>2</sup> **Lute como uma menina!** (2016), dirigido por Flávio Colombini e Beatriz Alonso, disponibilizado no YouTube (<https://goo.gl/N19q55>) em novembro de 2016.

análise das percepções das estudantes a respeito da imagem das mulheres, as “Minas de Luta”, na mídia.

## 2. Questões de pesquisa e metodologia do estudo

O objetivo principal do trabalho é confrontar as imagens das estudantes secundaristas que participaram do movimento de ocupação das escolas públicas de São Paulo, na imprensa de grande circulação e na mídia alternativa, com as percepções das próprias secundaristas, problematizando a importância das meninas no movimento.

O trabalho combina as perspectivas quantitativa (notícias publicadas por meio tradicional e alternativo) e qualitativa exploratória (grupo de foco) em relação ao fenômeno em análise. As principais preocupações de conhecimento do estudo podem ser sintetizadas nas seguintes questões de pesquisa:

- a) É possível perceber o protagonismo feminino nas ocupações escolares de São Paulo por meio da cobertura noticiosa na imprensa de grande circulação e nos canais alternativos?
- b) Qual a imagem dessas secundaristas nessas notícias, ou seja, quais aspectos foram mais salientados? O feminismo foi um deles?
- c) De que maneira as secundaristas percebem a cobertura noticiosa dos dois meios?

Para tanto, construiu-se uma amostra composta por notícias e reportagens<sup>3</sup> publicadas no jornal impresso **Folha de S. Paulo** e no site de mídia alternativa **Jornalistas Livres**, nos meses de novembro e dezembro de 2015 e janeiro de 2016 – período principal dos eventos analisados. Essa amostra é composta por 43 notícias publicadas na **Folha de S. Paulo** e 26 pelo **Jornalistas Livres**. A pesquisa foi realizada com uso das palavras-chave “ocupações”, “ocupação” e “reorganização”. Foram criadas duas bases de dados com as seguintes variáveis: data, título, ator principal (fonte), ator secundário (fonte), foto/imagem, ator principal (foto/imagem), ator secundário (foto/imagem). Tal organização de dados teve como objetivo perceber quais atores tiveram mais ou menos

---

<sup>3</sup> Foram excluídos artigos de opinião, pequenas notas e reportagens publicadas na revista da **Folha de S. Paulo**.

voz e espaço na cobertura noticiosa (estudantes, familiares, professores, dirigentes escolares, governo, forças policiais e poder judiciário).

Além disso, utilizamos os dados da realização de um grupo de foco com seis jovens secundaristas que participaram do movimento, realizado em dezembro de 2016<sup>4</sup>, com objetivo de levantar dados qualitativos a respeito da participação dessas estudantes e suas percepções a respeito da cobertura noticiosa o movimento<sup>5</sup>.

### 3. Enquadramentos das ocupações escolares

Sabemos que a noção de enquadramento (“frame”/”framing”) diz respeito às maneiras de entendimento dos acontecimentos narrados pelos outros (sobretudo a mídia) que acabam por estruturar nossa construção da realidade. Nesse trabalho, utilizamos essa perspectiva teórica, conhecida pelo trabalho de Goffman (1975) e orientada tradicionalmente aos estudos de jornalismo (TUCHMAN, 1978; ENTMAN, 1993), para analisar os enquadramentos noticiosos no caso das ocupações escolares. Da mesma forma, estamos interessados no paradigma do enquadramento, na medida em que Entman (1993, p.56), aponta sua importância aos estudos culturais e particularmente às pesquisas de gênero, raça e classe.

Em termos de representação midiática, é importante definir que entendemos por imagem não apenas as fotografias publicadas pela imprensa, mas sim a imagem geral construída pelas notícias, no sentido dado por Lippmann: “as imagens em nossas mentes” (*apud* COLLING, 2001, p.89). Referimo-nos ao chamado “stock” de memórias e enquadramentos comuns formado por diferentes instâncias, para o qual a mídia contribui fundamentalmente (CUNHA, 2005).

---

<sup>4</sup> Os resultados desse grupo de foco são explicitados de forma mais ampla em artigo publicado pelos autores no Encontro Compós (CASTILHO; ROMANCINI, 2017).

<sup>5</sup> Tal grupo foi realizado no dia 30 de novembro de 2016, em São Paulo, e teve duração de cerca de duas horas e meia. Optou-se pela condução do grupo de foco apenas pela autora, pois a presença do coautor (homem) poderia comprometer os resultados, tendo em vista que as meninas poderiam ficar menos confortáveis para dialogar na presença dele. O áudio foi gravado, sendo depois transcrito para a análise, e a dinâmica de discussão seguiu um roteiro com os principais eixos de interesse: motivações e cotidiano das ocupações; feminismo, e utilização das mídias. As adolescentes tinham entre 17 e 18 anos (portanto, 16 e 17 na época das ocupações), se autoidentificaram como de níveis socioeconômicos C, D e E, de etnias branca e negra. Todas estudavam em escolas públicas estaduais, sendo que quatro delas eram estudantes da mesma Escola Técnica (regime integral), da capital do Estado. Nem a escola nem as estudantes são nomeadas, no caso das últimas foram utilizados demarcadores fictícios, de modo a evitar que a identificação das jovens provoque eventuais prejuízos.

Isto posto, partimos para análise a imagem das secundaristas nas notícias do jornal **Folha de S.Paulo** e no site **Jornalistas Livres**.

### 3.1. A cobertura da *Folha de S.Paulo*

Um olhar geral e cronológico para a construção da narrativa das ocupações desde o seu estopim, no início de novembro de 2015, até seu término, após o Governo do Estado ter recuado, cancelando o projeto de “reorganização” escolar, em janeiro de 2016, indica que a cobertura da **Folha de S.Paulo** pode ser dividida em três fases: a ocupação dos estudantes; a reação dos governantes e das forças policiais; o enfraquecimento e a desocupação.

Figura 1: Exemplos das três fases da cobertura da *Folha de S. Paulo*



Fonte: Folha de S.Paulo

A primeira fase é caracterizada pelas notícias da ocupação com enfoque na dimensão informativa, apontando as razões pelas quais os estudantes decidiram realizar tal movimento. Observa-se uma importante pluralidade de fontes: os próprios estudantes, professores, familiares e atores políticos.

A partir do momento que o Governador Geraldo Alckmin é utilizado como fonte direta (até o início de dezembro a comunicação com a imprensa era realizada por meio de porta-vozes da Secretaria de Educação) e se iniciam os protestos de rua, percebe-se que a cobertura inicia uma nova fase, com outras fontes de informação como o Judiciário e as forças policiais. Essas novas vozes, em conjunto com fotos das manifestações, nas quais as cenas de violência se destacam, revelam o uso de tom mais negativo. Nessa fase, observa-se um dado importante. Embora os estudantes passem a ser retratados como desordeiros, a denúncia da violência das ações policiais, sobretudo nas imagens das meninas ativistas, divide as opiniões a respeito do movimento. É nesse sentido que acreditamos no protagonismo feminino no movimento como agente fundamental para a alteração do entendimento das manifestações, sobretudo quando assumem posição de frente como uma estratégia para proteger os meninos – que tradicionalmente sofrem abuso das forças policiais. É também nessa fase que os familiares e outros cidadãos são consultados, bem como é divulgado resultado de uma sondagem a respeito da popularidade (apresentando forte queda) do governador.

Figura 2: Estudante agredida em protesto; meninas tomam a frente em manifestações



Após o recuo de Geraldo Alckmin e do consequente processo de desocupação, na terceira fase da cobertura da **Folha**, notamos que os estudantes voltam a ter voz de forma efetiva. O triunfo do movimento é retratado com uso de fotos dos estudantes limpando a escola, entregando pacificamente a chave para a diretoria e tendo aulas em círculo após o retorno das atividades escolares.

### 3.2. A cobertura do *Jornalistas Livres*

Um aspecto preliminar importante a ser notado, a propósito da cobertura do site **Jornalista Livres** sobre as ocupações, é a natureza “alternativa” ou “independente” que marca a sua proposta jornalística. A campanha de financiamento coletivo que ajudou a consolidar o projeto, finalizada em julho de 2015, enfatiza a ideia de que a “A Rede Jornalistas Livres surgiu no dia 12 de março de 2015 da necessidade urgente de enfrentar a escalada da narrativa de ódio, antidemocrática e de permanente desrespeito aos direitos humanos e sociais, em grande parte apoiada pela mídia tradicional”<sup>6</sup>. Ou seja, os **Jornalistas Livres** procuram ser um contraponto informativo à “mídia tradicional”. “Não almejamos a ‘fala correta’, não seguimos manuais homogeneizadores e excludentes da diferença e diversidade. Somos uma rede inclusiva contra a exclusão somos, por isso, bem diferentes da mídia corporativa”<sup>7</sup>, afirmam.

Nessa caracterização são demarcados os principais pontos de diferença com relação aos grandes meios de comunicação: a diversificação e ampliação de pautas (temáticas como a *moradia* e os *direitos humanos*, por exemplo, têm ênfase no site), bem como a abordagem marcada por valores, inclusive políticos, frequentemente antagônicos aos da mídia tradicional. Assim, o conteúdo publicado no site não é necessariamente profissional (sendo permeável à colaboração de diferentes indivíduos), possui teor participativo, distanciando-se de valores como a “objetividade” ou a “neutralidade” jornalísticas, e é com frequência opinativo, a despeito da valorização do gênero reportagem.

A publicação na internet, além de favorecer o projeto quanto a custos, permite a propagação veloz das informações e o alcance a públicos de nicho. Fatores como esses

---

<sup>6</sup> Ver: <<https://www.catarse.me/jornalistaslivres>>.

<sup>7</sup> Idem.

parecem colaborar, hoje, para uma nova emergência de canais noticiosos “alternativos” (CARVALHO; BRONOSKY, 2017) que têm, por vezes, papel significativo na cobertura das atividades dos protestos e movimentos sociais (o exemplo mais claro é a chamada Mídia Ninja, desde os acontecimentos de 2013).

Pelo que se disse, e a decorrente cobertura com teor favorável ao movimento dos secundaristas, é possível entender a preferência que esse tipo de mídia tinha por parte dos estudantes, conforme os depoimentos recolhidos durante a pesquisa. Na verdade, no caso dos **Jornalistas Livres**, o site desempenhou um importante papel no próprio desenrolar dos acontecimentos, ao revelar, num furo de reportagem<sup>8</sup>, a intenção do governo de preparar uma “guerra” contra as escolas ocupadas, conforme as palavras gravadas em áudio do chefe de gabinete do secretário de Educação, numa reunião com dirigentes do ensino, no final de novembro de 2015. A notícia desgastou o governo e acirrou o ânimo dos estudantes, o que favoreceu a mobilização.

Antes dessa reportagem, o site publicara dez textos sobre as manifestações estudantis secundaristas e as ocupações, mostrando faces do evento que não apareciam na grande imprensa, como as repressões nas manifestações de rua e nas ocupações, bem como o apoio que eles recebiam de atores políticos diversos, como Eduardo Suplicy ou membros do Movimento Sem Teto de São Paulo. O tom geral da cobertura é sempre de apoio, e muitas vezes os autores dos conteúdos expressam de maneira ostensiva sua simpatia pela causa e críticas ao governo. Depois da matéria com o áudio do chefe de gabinete, outro ator passa a ser destacado pelos **Jornalistas Livres** (em três reportagens), as instâncias do Poder Judiciário (Defensoria e Ministério Público) que, por conta da própria revelação, tomaram medidas para defender os estudantes e contra a reorganização escolar. Além disso, novas formas de violência contra os secundaristas manifestantes e contra a própria “imprensa livre” que cobria a causa foram reportadas e, quando as ocupações são finalizadas, algumas reportagens se preocupam em mostrar que as condições físicas e materiais das escolas eram equivalentes a antes da ocupação. Isso era uma forma de defender os estudantes, tendo em vista que eles poderiam ser acusados de

---

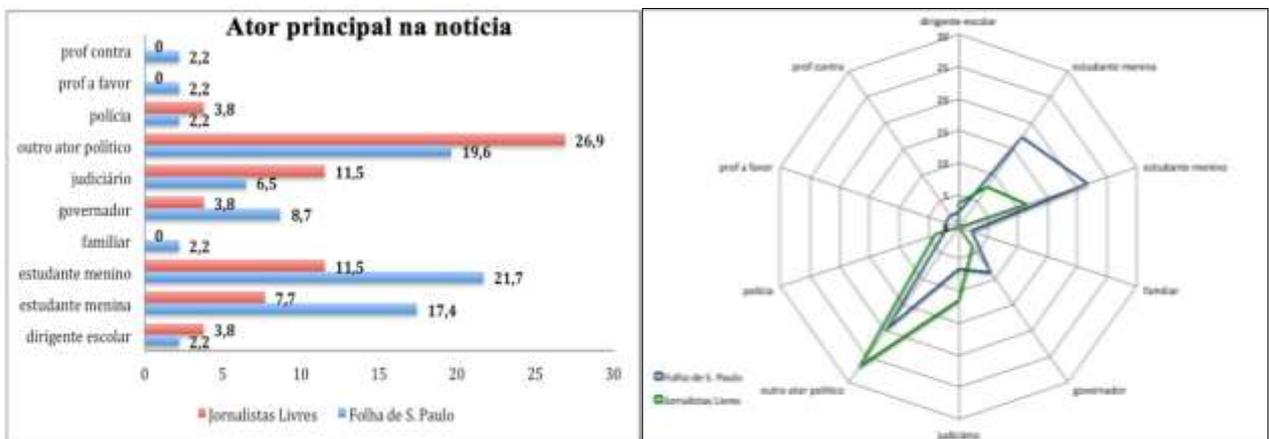
<sup>8</sup> CAPRIGLIONE, Laura. Secretaria de Educação prepara “guerra” contra as escolas em luta! **Jornalistas Livres**, 29 de nov. 2015. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/2015/11/secretaria-de-educacao-prepara-guerra-contra-as-escolas-em-luta/>>.

furtos ou prejuízos ao patrimônio do Estado. Já no final de janeiro, o site busca desenvolver uma série mais analítica sobre as motivações dos estudantes, a partir da utilização de fontes de pesquisadores acadêmicos.

### 3.3. Comparação entre as coberturas

Em termos comparativos, utilizando os dados da base construída para esse fim, observa-se que os atores principais (Gráficos 1), tanto nas notícias como nas imagens (primeiros planos) da **Folha de S. Paulo** por vezes são diferentes dos destacados pelos **Jornalistas Livres**. Por exemplo, os estudantes foram as principais fontes de informação na *Folha*, 39,1% (entre meninas e meninos), enquanto no **Jornalistas** o ator que mais apareceu nas notícias foi outro ator político (ativistas, sindicatos, etc), 26,9%, e em segundo lugar os estudantes, 19,2%.

Gráfico 1: Ator principal na notícia

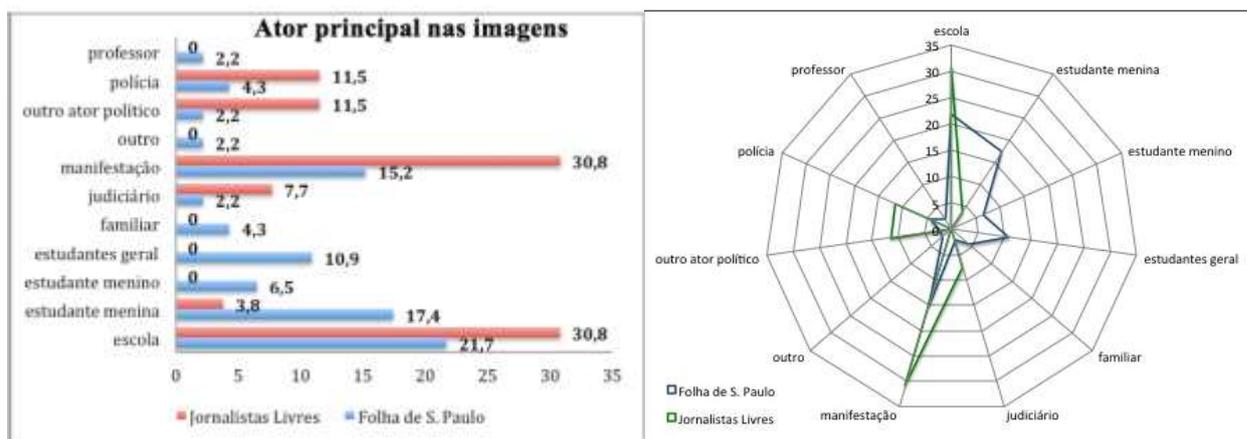


Fonte: elaboração dos autores

Conforme mencionado, antes de mais, temos que considerar as características de uma mídia “independente”, que utiliza um tom mais autoral nos textos, enquanto no jornal impresso tradicional as fontes de informação direta são fundamentais para construção da notícia. No entanto, é importante perceber que ambos os veículos deram voz preferencialmente aos estudantes identificados como do sexo masculino. No **Jornalistas**, as meninas tiveram 3,8% menos espaço do que os meninos, enquanto na

**Folha**, essa diferença foi de 4,3%. O governador e os professores (contra ou a favor do movimento) são consultados apenas pela **Folha**.

Gráfico 2: Ator principal nas imagens



Fonte: elaboração dos autores

Comparar a cobertura fotojornalística desses dois meios foi um dos desafios mais espinhosos da pesquisa, tendo em vista que dois âmbitos devem ser considerados: a liberdade espacial e editorial. A mídia online possui liberdade para utilizar um número de imagens muito superior ao jornalismo impresso. Assim, as fotos que evidenciam os protestos de rua, com atores como forças policiais e estudantes de forma geral, da cobertura de **Jornalistas Livres**, estão em maior número do que na **Folha de S. Paulo**. É nesse sentido que as fotos onde as meninas aparecem em primeiro plano ganham importância, uma vez que tiveram menos lugar de fala. O protagonismo feminino nas manifestações – algo que nos depoimentos das participantes ficou muito evidente – adquire visibilidade por meio dessas imagens, que circularam inclusive nas redes, em claro processo de agendamento (MCCOMBS; SHAW, 1972), tendo se transformado em símbolos do próprio movimento. Escolas, estudantes e manifestações são, em ambas coberturas, tanto os atores sociais diretamente mais consultados, como as figuras mais marcantes nas imagens. No entanto, em termos de construção da narrativa, as fotos das meninas do **Jornalistas Livres** podem ser consideradas mais impactantes, tendo em vista que elas aparecem com maior frequência em conflito direto com as forças policiais.

Além disso, podem surgir com os adereços de manifestantes (pano no rosto para proteção contra gás lacrimogêneo), tronco desnudo vestindo apenas sutiã (símbolo do ativismo feminista), algo que não encontramos nas imagens selecionadas pela **Folha de S.Paulo**.

Outras dimensões importantes a serem consideradas são as questões étnico-raciais e de classe. Na cobertura do **Jornalistas Livres**, notadamente mais voltada para a denúncia dos abusos relacionados aos conflitos, nota-se que há uma pluralidade maior de escolas mencionadas, enquanto a **Folha de S.Paulo** prioriza matérias nas quais a escola Fernão Dias (localizada em bairro de classe média e com ex-alunos ilustres, como a cartunista Laerte) é enfocada. Praticamente elogiada durante as ocupações, conforme dois títulos analisados “Aula em escola símbolo de ocupações volta com debate e carteiras em círculo” (de 07 de janeiro de 2016) e “Às vésperas de dia decisivo, escola invadida faz minifestival” (de 23 de novembro de 2015). O **Jornalistas Livres** chegou a ironizar o modo como a polícia tratava os estudantes nessa escola, e em outras em bairros centrais:

a Polícia Militar está há quase cinco dias de guarda diante da Escola Estadual Fernão Dias Paes e o máximo que se viu por lá foi um spray de pimenta aqui, um empurra-empurra ali, uma tentativa de levar gente para a delegacia... e mais nada. Porque a Fernão Dias fica no bairro de Pinheiros, perto da caríssima Fnac, ao lado de uma classe média com acesso aos jornais e à mídia em geral<sup>9</sup>.

Na mesma matéria, o **Jornalistas Livres** nota também que “Aluna da escola Fernão Dias é detida pela PM durante 30 minutos... adivinha de que cor ela é? Acertou! Negra!” (Figura 3). Também digno de destaque, quanto ao provável racismo contra estudantes, é a imagem de uma estudante negra que foi fotografada ao receber violentamente um soco no queixo de um cidadão revoltado em dos protestos de rua. Essa imagem que foi publicada na capa da **Folha de S.Paulo** no dia 08 de dezembro de 2015. Na matéria, a mãe da estudante diz que a filha nunca mais irá para as manifestações sozinha e a menina, declarando sororidade, justifica que por ter 1,80m de

---

<sup>9</sup> Por que é que a PM de São Paulo quer o tempo todo nos provar a sua covardia e seu racismo??? **Jornalistas Livres**, 15 de nov. 2015. Disponível em <<https://jornalistaslivres.org/2015/11/por-que-e-que-a-pm-de-sao-paulo-quer-o-tempo-todo-nos-provar-a-sua-covardia-e-seu-racismo/>>. Acesso em 20 jul. 2017.

altura optou por ficar na linha de frente de forma a defender as estudantes de menor porte físico.

Figura 3: repressão a estudante negra



Fonte: Jornalistas Livres

#### 4. Percepções das participantes do movimento

Partindo da ideia de enquadramento conforme indicamos, construído e personificado “(...) nas palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens visuais enfatizadas na notícia narrada” (ENTMAN *apud* COLLING, 2001, p.95), passamos a questionar de que maneira as secundaristas perceberam a cobertura noticiosa das ocupações na mídia tradicional e “alternativa”?

No grupo de foco realizado, notamos uma postura muito clara de discordância a respeito das matérias publicadas e emitidas pelos meios mais tradicionais. Todas as seis intervenientes concordaram que a imagem geral dos estudantes construída pelas mídias colabora para manutenção do estereótipo do manifestante como desordeiro. O impacto dessas abordagens é significativo para elas, pois acreditam que isso alimenta o “stock” de memórias e argumentos negativos dos pais a respeito de suas participações nos movimentos. Nas palavras delas, o papel da mídia é:

(G.) “Fazer seus pais acreditarem que você estava fazendo baderna na escola”.

(C.) A mídia só mostra quando tá dando pau, não mostra quanto está tudo bonitinho e tendo evento cultural.

De fato, como era se esperar, enquanto o tom de apoio do **Jornalistas Livres** permeia todas as matérias, apenas três notícias da **Folha de S. Paulo**, da nossa amostra, fizeram menção aos eventos culturais realizados nas escolas durante as ocupações e, como dito, se referiam a escolas de classe média.

Conforme apontado, na terceira fase da cobertura da **Folha**, observamos a alteração da narrativa salientando o triunfo dos estudantes, indicando que, afinal, os protestos tiveram um impacto positivo nas políticas de educação. Em termos de legado dessa causa estudantil, percebemos que as meninas experienciaram um encontro com o feminismo, ou seja, o afloramento da consciência de gênero e desenvolvimento de uma postura política de enfrentamento da opressão e da dominação (CASTILHO e ROMANCI-NI, 2017). Por outro lado, para os estudantes em geral a relação com o espaço escolar se alterou fundamentalmente, se tornando um espaço de troca e respeito pelas diferenças:

A ocupação fez a gente vivenciar a escola que a gente queria ter. A gente criou espaços de convivência com pessoas que durante três anos eu nunca conversei. Parece que a escola, com essa coisa de turma e sala de aula, ela separa a gente. (A.)

Perguntadas sobre a visibilidade do movimento feminista por meio das mídias, elas concordam que as redes sociais auxiliaram esse processo ao permitir o contato com uma rede de relações com interesses em comum, porém quanto às mídias tradicionais ainda há dúvidas sobre sua importância nesse aspecto em particular.

Não sei se a visão das ocupações foi a respeito do empoderamento feminino, foi do empoderamento dos secundaristas em geral, mas internamente você notava as minas colando em peso, rolou até o lute como uma mina, com fotos das minas nos atos. (C1.)

As manchetes são sempre “estudantes ocupam escola”, sempre mais geral, nunca é “As estudantes ocuparam...”, acabam deixando a questão de gênero de lado. (M.)

Por outro lado as seis participantes fazem questão de esclarecer a importância que as meninas tiveram em todo processo, desde as tarefas, sobretudo de comunicação, nas ocupações escolares, aos protestos de rua.

Eu lembro que eu chegava em algumas escolas ocupadas, eu com 18 anos, e via só crianças, uma meninas com um discurso... super empoderadas. Até dava vontade de chorar de emoção. Não tem como você não se comover com isso: meninas de 12 a 17 anos apanhando de caras (policiais) de 30 anos de cassetete na mão. (C2)

A concordância do grupo relativamente ao protagonismo das meninas nas assembleias e na comunicação com a imprensa é unânime. O que acaba por contrapor os

dados da nossa análise, tendo em vista que a principal voz do movimento, diversas vezes mencionado como tal e com matéria dedicada ao assunto, trata-se de um rapaz e não de uma menina. Ou seja, as adolescentes figuram nas imagens como protagonistas, mas o lugar de fala, ainda, é ocupado pelos meninos, principalmente se forem negras, segundo G.

“Eu senti que “ok, eu já sou negra, falo muito, sou estressada, feminista... Agora o que estou querendo?”

## 5. Considerações

Retomando nessas considerações nossas três questões de pesquisa, podemos dizer que: 1) o protagonismo feminino nas ocupações escolares de São Paulo é apresentado principalmente por meio das imagens, e não das falas das estudantes; e no caso dessas imagens eles tendem a ser mais “fortes” no canal alternativo, o que deve ser relacionado aos públicos da **Folha** e do **Jornalistas Livres**. Determinadas imagens poderiam ser consideradas inapropriadas ou ofensivas por um leitor de um veículo da grande imprensa; 2) Não podemos dizer que o feminismo tenha sido um ângulo forte da cobertura, nem no jornal da grande imprensa nem, como até se poderia esperar, no canal alternativo, mais voltado para questão da cidadania. Porém, ambos os veículos convergem num conjunto de imagens de “meninas de luta” – ou seja, situações em que as jovens se manifestam na rua ou nas escolas ocupadas e, por vezes – principalmente quando ente o gênero relacionasse com a etnia da estudante – são reprimidas; 3) a percepção das estudantes sobre o jornalismo é a de a grande imprensa manipula a informação e, por outro lado, o jornalismo alternativo é visto com simpatia.

## Referências

- CAMPOS, A. M.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. M. **Escolas de luta**. São Paulo: Veneta, 2016.
- CARVALHO, G.; BRONOSKY, M. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. Revista Pauta Geral, vol. 4, n. 1, p. 21-39, jan./jun. 2017.
- CASTILHO, F.; ROMANCINI, R. MINAS DE LUTA: Cultura do quarto virtual nas ocupações das escolas públicas em São Paulo. **Anais XXVI Encontro Anual da Compós**, São Paulo, 2017.

COLLING, L. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. **Revista Famecos**, vol. 9, n. 17, p. 88-101, 2001.

CUNHA, I. F. Imagens da diferença: prostituição e realojamento na televisão. **Comunicação & Cultura**, n. 1, p. 73-97, 2006.

CUNHA, I. F. A mulher brasileira na televisão portuguesa. In: **Actas III. Congresso da Associação Portuguesa de Comunicação**. BOCC. 2005.

ENTMAN, R. Framing: Toward a Clarification of a Fractal Paradigm, **Journal of Communication**, vol. 43, n. 4, p. 51-60, 1993.

GOFFMAN, E. **Frame analysis: An essay on the organization of experience**. Harvard University Press, 1974.

ROMANCINI, R.; CASTILHO, F. “Como ocupar uma escola? Pesquisa na internet!”: política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 2017 (no prelo).

TUCHMAN, G. **Making news: A study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1978.